

A SINCRETIZAÇÃO EURÁFRICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA DE GURUPÁ

EURAFRICA SINCRETIZATION IN THE CONSTRUCTION OF GURUPÁ RELIGIOUS IDENTITY

SINCRETIZACIÓN EURÁFRICANA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD RELIGIOSA DE GURUPÁ

Fábio José Brito dos Santos

Mestre em Educação (FCU); Professor da educação básica

fabyosantos819@gmail.com

Recebido em: 15/02/2022

Aceito para publicação: 05/04/2022

Resumo

Este artigo objetiva analisar a formação identitária da religiosidade no município de Gurupá – Pará, tendo como base a atuação europeia na evangelização e imposição da doutrina Católica Apostólica Romana, empregando imagens sacras e tradicionais da igreja cristã. Por conseguinte, a convergência com a crença africanizada, provocada na época escravocrata, fomentou vertentes da arte, musicalidade e ferramentas comumente originárias da matriz negra, modificando o formato festivo das celebrações, ocasionando uma consoante sincrética ao longo de séculos de história. A metodologia consiste em um estudo bibliográfico, carregando consigo referências sólidas, desenvolvido com uma etnografia de objetos e ferramentas presentes nas manifestações sagradas, visto que a observação também foi imprescindível nas inferências do pesquisador. Os resultados pontuaram uma forte fusão eurafricana, que estão presentes harmoniosamente em toda conjuntura das principais festividades do catolicismo em Gurupá, assim como uma correlação com outras religiões do campo afro-brasileiro.

Palavras-chave: Gurupá; Religiosidade; Euráfrica; Festividade; Sincretismo.

Abstract

The present article aims to investigate the identity formation of religiosity in the municipality of Gurupá - Pará, based on the European action on the evangelization and imposition of the Roman Catholic Apostolic doctrine, using the sacred and traditional images of the Christian church. Therefore, the convergence with the Africanized belief, provoked in the slavery era, fostered strands of art, musicality and tools commonly originating from the black matrix, modifying the festive format of the celebrations, thus causing a syncretic consonant over centuries of history. The methodology consists of a bibliographic study, with solid references, developed with an ethnography of objects and tools present in the sacred manifestations, since observation was also crucial in the inferences of the researcher. The findings revealed a strong Eurafrican fusion, which is harmoniously present in the entire conjuncture of the principal festivities of Catholicism in Gurupá, besides a correlation with other religions in the Afro-Brazilian field.

Keywords: Gurupá; Religiosity; Eurafrica; Festivity; Syncretism.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la formación de la identidad de la religiosidad en la ciudad de Gurupá - Pará, a partir de la acción europea en la evangelización y la imposición de la Doctrina Católica Apostólica Romana, utilizando las imágenes sagradas y tradicionales de la Iglesia cristiana. Por lo tanto, la convergencia con la creencia africanizada, provocada en la época de la esclavitud, fomentó aspectos del arte, la musicalidad y las herramientas comúnmente provenientes de la matriz negra, modificando el formato festivo de las celebraciones, provocando una consonancia sincrética a lo largo de siglos de historia. La metodología consiste en un estudio bibliográfico, con referencias sólidas, desarrollado con una etnografía de objetos y herramientas presentes en las manifestaciones sagradas, ya que la observación también fue fundamental en las inferencias del investigador. Los resultados

revelaron una fuerte fusión euroafricana, que está armónicamente presente en todas las principales festividades del catolicismo en Gurupá, así como una correlación con otras religiones en el campo afrobrasileño.

Palabras clave: Gurupá; Religiosidad; Euráfrica; Festividad; Sincretismo.

Introdução

Os fortes traçados europeus e africanos são os alicerces da religiosidade dos gurupaenses, que juntamente com a devoção da população transformou-o com características únicas, sincretizando as festividades nas suas múltiplas formas de celebração e configuração.

Essa mistura cultural, se deu primeiramente com a colonização da Amazônia, com a chegada dos jesuítas e os demais colonizadores, vindos do berço cristão, a qual, estabeleceu-se a predominância católica apostólica, de forma totalitária e subordinada.

Posteriormente na primeira metade do século XVII, os escravizados chegam na região para trabalhar nas lavouras dos grandes patrões da época, com isso, as influências africanas também foram incorporadas dentro da própria igreja católica, desenhando um formato diferenciado nos cultos de devoção, interpolando como tendência principal a musicalidade, visto que, através dos instrumentos musicais os batuques peculiares afros foram inseridos com sucesso, com muita adaptação e variação, tornou-se o atrativo central das festas atualmente.

Este batuque é chamado de folias, logicamente é formado pelos foliões, grupos de ritmistas que compõe o coro. Dentro da folia abrange-se inúmeros elementos constituintes, que lembram aspectos de outras religiões de matrizes negras, em especial as ligações com objetos e ferramentas musicais, como: tambor, reco-reco e entre outros.

Os foliões são uma espécie de guarda e coro das festividades, sendo que, são protagonistas das festas catolicistas, tendo origem nas comunidades quilombolas de Gurupá. Neste artigo tivemos como base as três maiores expressões do calendário religioso gurupaense, que são as comemorações anuais de São Benedito, Santo Antônio que se realizam na cidade e São José realizada todo mês de março no distrito do Carrazedo (zona rural), ao oeste da sede municipal.

Contribuição histórica e significativa de negros e brancos

A formulação da atual identidade dos povos da Amazônia teve seu pico na época colonial, em Gurupá na zona quilombola¹ não foi diferente, com a chegada dos europeus no

¹ O município de Gurupá contém uma zona de comunidades quilombolas compostos por 10 comunidades tituladas: Alto Pucuruí, Arinoá, Gurupá – Miri, Maria Ribeira, Jocojó, Flexinha, Carrazedo, Camutá, Bacá e Alto Ipixuna.

novo continente surgiu-se vilas e povoados, a igreja católica foi uma grande aliada nesse processo de evangelização e imposição da fé cristã, já que os nativos continham sua fé a seres mitológicos e naturais.

O município de Gurupá foi um dos primeiros a passar por esse processo de transformação religiosa, sendo então uma das cidades mais antigas da região amazônica. Com a Europa predominantemente católica no século XV, período esse que ocorreu a expedições primárias, comandadas por Francisco Orellana e John Ley, navegadores esses que observaram Gurupá, fazendo os primeiros contatos com grupos nativos ali estabelecidos.

No decorrer do século XVII efetuou-se jesuítas e franciscanos na catequização de índios originários das etnias: Engaibas, Mapuas, Periquas, Aricuras, Jacoanis, Managages, Guarimucus, Aruanes, Taconhapés e Ingabaybas. Certamente, neste período santidades como de Santo Antônio e São José tenham desembarcados, vindos de além-mar, impulsionando a devoção dessas divindades.

Desta forma, é indiscutível que o catolicismo apostólico romano influenciou o povoamento das terras gurupaenses, atingido determinadas reversões em etapas de aculturação, cevando o “embranquecimento” da crença.

Mas foi a partir do ano de 1692 que se transcorreu o momento fulcral de inunção da crença católica em Gurupá, como cita Torres (2019):

Os Frades Capuchinhos da Piedade de São José² assumiram a responsabilidade pastoral da matriz de Santo Antônio de Gurupá, erguida como a segunda paróquia do estado do Pará, no mesmo ano o rei da coroa mandou erguer um convento no Carrazedo³ [...] ainda se podia ver as ruínas do convento no ano de 1786 [...] (TORRES, 2019, p. 45).

Desde então, o aldeamento⁴ foi um processo muito presente, que reuniu várias etnias, com um propósito de expansão da fé europeia, como também contendo interesses exploratórios na ampliação de asseguaração territorial. Igreja e Estado formavam um só laço dimensional, mas com proveitos diferentes.

Nesta forçosa catequização, disseminando suas crenças, os missionários trouxeram consigo, irmandades católicas muitos comuns e representativas do velho continente,

² Os frades capuchinhos foi uma companhia de evangelização católica, uma das últimas ordens a chegar na região amazônica, tendo origem no século XV na Espanha.

³ Carrazedo é uma comunidade quilombola, também é o segundo distrito da comarca de Gurupá.

⁴ Aldeamento é o nome dado ao processo de reunião de índios em aldeias que geralmente ficavam próximas a povoações coloniais, incentivando o contato com os portugueses.

principalmente Portugal, o berço das grandes navegações. A partir de então, os jesuítas demonizaram os ritos e cultos indígenas, colocando em seu lugar uma fé até então desconhecida, mas com uma narrativa convincente, manipulando-os com fenômenos da natureza e discursos orais de opressão. Dentre esses feitos, os pregadores titularam um canonizado branco, português como padroeiro de Gurupá.

Segundo Freire (2010) Santo António de Lisboa, também conhecido como Santo António de Pádua, nasceu em Lisboa no dia 15 de agosto de 1195, falecendo em 13 de junho de 1231, de sobrenome ainda incerto mas batizado como Fernando, foi um Doutor da Igreja que viveu na viragem dos séculos XII e XIII, com sua vivência na Europa.



Figura 1. Imagem original de Santo António de Gurupá

Na foto observamos a imagem original de Santo António de Gurupá, exposta na igreja matriz. A igreja é palco de sua festividade, ocorre-se nos dias 04 a 13 de junho, comumente em outras localizações festivas da época junina.

A festa contém a participação efetivas das comunidades eclesiais de base que constituem a paróquia de Gurupá. Compostas por queimas de fogos, orações a noite, leilões a noite, procissão terrestre e missa campal, mas sem a presença da tradicional folia sacra do município, ou seja, um feito festivo inteiramente importado.

É fato que a igreja tomou posse fluentemente da região estabelecida, praticando a fé típica europeia, trazendo consigo costumes, celebrações, rituais e aspectos catolicistas, destacando uma divindade até então excêntrica e ausente dos povos ali vividos, com uma imagem da cor de pele igualada aos exploradores, como diz Aquino (2010) a sua veneração foi levada de Portugal para o Brasil, onde se enraizou rapidamente, conquistando espaço significativo, inserido sua forte expressão nas festas juninas.

Porém, a doutrina de santos populares não se resumiu somente na sede do município, no mesmo período, a vila de Arapijó, hoje conhecida como Carrazedo, passou por fortes mudanças, instalando-se processos assemelhados a de Gurupá. Com a construção de um convento cristão, assim a antiga vila cativou como padroeiro São José, outra divindade com aspectos inteiramente embranquecida.

Segundo Joseph (2014) José é venerado como São José na Igreja Católica, Igreja Ortodoxa, Igreja Ortodoxa Oriental, Anglicanismo⁵ e Luteranismo⁶ todas tendo origem no antigo continente.

Teoricamente a escolha do santo protetor levou em consideração o nome da companhia que dominava a região, denominada “Frades Capuchinhos da Piedade de São José”. Sendo assim, a imagem foi trazida pela mesma ordem citada acima.

Na pequena capela da comunidade do Carrazedo, observamos duas imagens de São José, ambos originais da época das missões e ainda bem conservadas pelos fiéis comunitários. A imagem à esquerda tem cerca de 80 cm (oitenta centímetros), quanto a imagem à direita tem em torno de 30 cm (trinta centímetros).



Figura 2. Imagens de São do Carrazedo

⁵ Anglicanismo é a designação de uma tradição dentro do cristianismo que inclui a Igreja da Inglaterra e outras Igrejas historicamente ligadas, criada no século XVI pelo Rei Inglês.

⁶ Luteranismo é uma doutrina religiosa que defende a salvação pela fé, seus seguidores são chamados de protestantes, tendo origem no século XVI.

Não sabemos ao certo quando a festa de São José do Carrazedo iniciou, o que se concebe é que há séculos ela foi incorporada no calendário da comunidade. Essa festividade possui suas originalidades, começa geralmente no dia 09 de março, se estendendo até dia 19, a qual é o dia oficial. Os festejos são contemplados com alvorada⁷, ladainhas⁸ à noite, mastro⁹, meia lua¹⁰, leilão e principalmente a expressão da “Folia¹¹”, manifestação essa que será abordada com particularidade posteriormente.

Diante dos fatos mencionados anteriormente, compreende-se a forte influência dos colonizadores na concretização do catolicismo no município. Nesta decorrência, um século mais tarde chega em territórios gurupaenses, uma parcela significativa de escravos, que remodelaram inteiramente a face religiosa desse lugar.

De acordo com o livro Forte Santo Antônio de Gurupá (2018), cita sobre esse ato:

Os escravos africanos entravam pelo porto de Belém, vindos da Guiné-Bissau, Cabo-Verde, Angola, Quênia, Tanzânia e Moçambique. Inicialmente ficavam em Belém e região marajoara, incluindo Gurupá, servindo como servos domésticos ou na agricultura. Em 1783 os africanos chegaram a mais de 30% da população total de Gurupá. Mas com os maus tratos dos senhores e escassez periódica de alimentos, também os escravos africanos passaram a fugir e criar suas aldeias fora da cidade: os primeiros quilombos de Gurupá foram formados neste período (LIMA; MARQUES; et al, 2018, p. 28).

A partir do século XVIII, a cultura negra com suas pegadas africanizadas interpolou na elaboração religiosa do município. Uma das referências mais objetivas é a chegada da imagem e veneração a São Benedito.

De acordo com o site Uniafro publicado em 2014, afirma que no Brasil, o santo é tradicionalmente venerado pelos negros, que relacionam o período de escravidão e a origem africana do santo com o seu próprio passado de escravidão e suas raízes africanas.

Benedito é um santo negro, tendo origem na Etiópia, com muita tradição no norte do continente africano, que na época a irmandade ainda não era canonizada pela Igreja Católica,

⁷ Alvorada é a cerimônia inicial dos festejos, comparado a uma abertura comemorativa, sempre celebrada de madrugada do primeiro dia de celebração.

⁸ Ladainha é uma oração rezada e cantada em Latim, geralmente a noite na igreja.

⁹ Mastro é uma peça de madeira circular e grossa, enfeitada com folhas e palhas, seu hasteamento simboliza o início de um ciclo de festejos.

¹⁰ Meia lua é a procissão fluvial, realizada em barcos, canoas e voadeiras.

¹¹ Folia é uma expressão rítmica melódica em forma de coro, formada por diversos integrantes e instrumentos musicais regionais.

muito menos reconhecido como santo, por esses motivos os escravos sofreram vários sansões por cultuarem uma imagem até então pagã¹².



Figura 3. Imagem de São Benedito de Gurupá

Em Gurupá a festa de São Benedito ganhou repercussão estadual, como uma das maiores manifestações religiosas do estado, carregando uma legião de devotos, que invadem a cidade no mês de dezembro. Ocorrendo anualmente no período de 09 a 28 do último mês do calendário. Apesar da festa ser de maior proeminência da paróquia de Gurupá, engolindo a então festividade do padroeiro, o mesmo não é tido como padroeiro da cidade, justificando-se pelo preconceito introduzido pela igreja na época, com muitas divergências a respeito da santidade do servo, que levou em consideração também a sua cor negra e origem pobre.

Dentro do contexto religioso de sua festividade, temos a particularidade mais expressiva, que é a “folia”, conduzindo logicamente pelos foliões, manifestação já citada anteriormente, que suas raízes são originárias das comunidades quilombolas, presente em todos os festejos católicos desses pequenos grupos da zona rural, tal como, a de São José do Carrazedo.

Os foliões são os verdadeiros responsáveis pela afabilidade em todo percurso festivo, desde a alvorada, até a derruba do mastro, são como uma espécie de guardiões do santo. São eles que transladam a imagem na casa dos fiéis, fazem a oração das alvoradas, comandam a

¹² Pagã é uma atitude inteiramente pecaminosa e clandestina aos olhos da igreja, rotulado como algo ligado a outros deuses.

abertura das missas, conduzem tanto a procissão fluvial quanto a terrestre, ou melhor, estão presentes em todos os momentos comuns e sublimes de veneração.

Os integrantes em sua maioria são quilombolas de comunidades rurais próximos a cidade, que se preparam arduamente para compor o grupo de ritmistas, assim como também são presente muitos promesseiros, das mais variadas idades.

É batuque sincretizado de terreiro, vindo do navio negreiro

A folia de santos de Gurupá, transposta consigo uma carga cultural sincretizada, contendo instrumentos musicais que estão presente em religiões de matrizes africanas brasileiras, típicos da criação afrodescendente, para Bastide (1974, p. 143), ao definir sincretismo, ensina que este é a convergência daquilo que antes era divergente. Esse vínculo sincrético se destaca em suas diversas manifestações musicais e instrumentais na folia gurupaense, narradas e exteriorizada no contexto cerimonial das festividades. Sobre essa característica de junção religiosa e cultural, Gatti (2016) diz que o:

Sincretismo pode ser definido como um tipo de articulação na qual os elementos se engajam numa relação dialógica dentro de um mesmo campo discursivo ou entre campos discursivos diferentes. Uma das características que distinguiriam as relações sincréticas de outras formas de relação é que os elementos envolvidos interagem, dialogam e estabelecem relações de poder específicas na forma de alinhamentos (frequentemente antagonísticos) e, mesmo assim, mantêm suas identidades distintas (GATTI, 2016, p. 64).

É nítido que o catolicismo institucionalizado talvez oculte essa identidade alinhada, que historicamente foi camuflado e até mesmo condenado pelos líderes, entretanto nas festividades católicas em Gurupá os foliões ganharam muito espaço, assim também, como respeito dos líderes da igreja nos dias de hoje, mesmo entendendo os princípios do grupo rítmico. Neste sentido a presença dos batuques das folias na programação litúrgica se adaptou de forma sincrética com a dinâmica da festa. Conforme Castro (2006) diz a respeito que:

Ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência, interação, etc. (CASTRO, 2006, p. 29).

Muitos sinônimos se dão ao sincretismo religioso, apesar de muito debatido, ainda é uma pauta parcialmente secundária para alguns seguimentos institucionais, tratada como tabus

pela igreja, fomentando um preconceito enraizado, que segrega os grupos com menores influências sociais e políticos. A igreja católica sempre foi linha de frente na negação de ligamento cristão. Marzal (1985) em uma de suas obras, relata na América Latina o sincretismo teve forte expansão com a catequização de negros e índios, que de forma até involuntária transbordou-se uma riqueza de valores culturais.

É nesta contextualização que surge a folia de santos nas festividades de Gurupá, essa expressão multicultural engloba quatro instrumentos musicais composta por: tambor, reco-reco, milheiro (xeque - xeque) e cacete. Todos associados com ferramentas religiosas também tocadas nos terreiros de: Umbanda, Candomblé, Tambor de Minas, Xangô e entre outras afro-brasileiras. Na folia existem dois tambores, o menor, com cerca e 40 centímetros de circunferência do cilindro e um metro de altura chamado de “tamborinho”, o maior com cerca de 60 centímetros de circunferência e um metro de altura, chamado de “tamborão”.



Figura 4. Tambor da folia

Esse instrumento é fabricado artesanalmente, com troncos de árvores leves e são encourados com pele de animais da região como veado e porco do mato, a pintura é aplicada de verniz ou uma tinta de cor escura. Comumente o maior tambor é usado pelo folião de maior experiência, pois os toques são mais acentuados, sofrendo variações no decorrer da melodia.

Uma curiosidade importante é que o “tamboreiro” só toca o instrumento em pé quando a canção é compassada, a partir do momento que a melodia alegre, os mesmos tocam sentados em cima dos tambores.

A presença de tambores dentro da igreja católica causa-se uma certa estranheza, visto que, este instrumento é contido habitualmente em templos de religiões afro, como cita Candemil (2019):

Nos terreiros de candomblé os tambores assumem um papel significativo durante a realização dos rituais, uma vez que, ajudam a promover os transes místicos,

estabelecendo a comunicação com as divindades africanas. (CANDEMIL, 2019, p. 142).

Esta semelhança, aproxima-se de como os negros adaptaram suas culturas internas ao contexto cristão, causando nas festividades gurupaenses uma expressão multicultural. Outro instrumento usado na folia é o reco-reco, sendo um dos mais respeitados da folia, também sua origem tem ligação com ferramentas dos terreiros, inclusive o pesquisador Lopes em seu Novo Dicionário Banto do Brasil, esclarece inclusive que “a palavra macumba significa também uma espécie de reco-reco, de origem quimbundo ¹³mukumbo” (LOPES, 2003, p. 132).



Figura 5. Reco-reco da folia

A ferramenta musical é feita de madeira de “Bambu”, com tamanho de 45 centímetros, como também, uma espátula de madeira dura, cujo som é produzido pela raspagem. Por sua vez, é tradicionalmente enfeitado com fitas coloridas em seu cabo, numa espécie de adorno, intenciona para assim fazer alusão a divina irmandade.

O raspador deste instrumento é nomeado de “mestre-sala”, tem o papel fundamental no grupo de ritmistas, visto que, ele é o intérprete, e em forma de rimas e poesias cantadas entoa as composições sacras.

O xeque-xeque ou também conhecido como milheiro, é um instrumento secundário da folia, do qual, é produzido de galhos de madeiras ocas, ou também de canos de PVC, de aproximadamente um metro de comprimento, com uma circunferência de 10 centímetros, em sua interiorização são inseridas sementes como: milho, feijão, arroz, caroços de frutas típicas da região, até também chumbos metálicos. Os foliões formantes deste instrumento são a

¹³ Língua da família banta, falada em Angola pelo ambundos.

maioria do grupo, usualmente formado por jovens e adolescentes, com um número ilimitado de integrantes.



Figura 6. Xeque-xeque da folia

O xeque-xeque é exclusivamente encontrado nas folias festivas de Gurupá, similarmente como uma espécie de maracá, mas com um formato bem diferente, em forma de cilindro, resultando em um som semelhante também com o afoxé¹⁴. Os instrumentistas sacodem de um lado para o outro de acordo com a aceleração do ritmo.

Na folia há também o cacete, popularmente chamado de cacitete, é um instrumento da folia usado apenas quando a melodia sacra está sendo desenvolvida sinfonicamente acelerada, como por exemplo: nas rodas de dança da barraca, visita nas casas dos devotos, ou até mesmo na igreja no término das orações.



Figura 7. Cacete da folia

Este instrumento é confeccionado em par, materialmente de madeira maciça, amarrados por um fio de náilon, os cacetes possuem aproximadamente 25 centímetros de

¹⁴ Instrumento musical composto de uma cabaça pequena redonda, recoberta com uma rede de bolinhas redondas.

comprimento, cujo é tocado sempre na parte inferior do tambor, batendo concomitantemente madeira com madeira, produzindo uma sonorização grave.

Sendo assim, esta é a composição rítmica da folia gurupaense, todos os instrumentos citados posteriormente são provenientes da cultura negra, da maneira que não podemos classificar como exótico, já que, a mesma teve oriundo nos quilombos deste município, de modo que, no decorrer dos anos foi se expandindo em outras cidades, introduzindo-as em suas respectivas festas católicas.

Nesta contextualização, analisamos a importância do catolicismo europeu na devoção de seus santos, na evangelização e predominância do cristianismo, assim como devemos firmar a presença negra na música e oração, que através da folia deu-se a maior identidade e projeção da singularidade do formato dessas festividades.

É inegável que os instrumentos musicais da folia têm uma forte paridade os instrumentos empregados nas religiões do campo afro-brasileiro, que muitos destes estão vigentes nos centros, templos, casas, tendas e terreiros, ademais nas celebrações de seus cultos e ritos sagrados.

Relação igreja e folia

A igreja católica sempre teve um histórico comum de repúdio as manifestações afros, que no decorrer da escravidão foram se entrelaçando e sincretizando com ao catolicismo tradicional, isso se deve ao vasto preconceito e intolerância difundido há anos pela colonização e demonização da cultura negra, muitas vezes também pautadas em princípios bíblicos partindo de interpretação e normas que rejeitam essas práticas, que segundo aos superiores da igreja vão contramão ao fundamentalismo taxativo da doutrina.

Essa rigidez se enraizou mais densamente em regiões do Brasil em que matrizes africanas eram mais presentes, ou seja, que conseguiram muitos adeptos, causando um confronto cultural criminoso, que disseminou ódio e extinguiu muitas ritualizações e crenças africanizadas, que até hoje sentimos esses efeitos de violação da fé umbandista¹⁵,

¹⁵ Pertencente da Umbanda, religião originada no Rio de Janeiro, trouxe no seu nascimento elementos espíritas e bantos, sincretizada com as irmandades da igreja católica.

candomblecista¹⁶ e outras vertentes similares, que justificam uma relação nada ecumênica e muito menos harmoniosa entre os diferentes seguimentos.

Sobre essa sincretização, Carneiro (1954), esmiúça essa relação clara de conceituação religiosa:

Podemos encontrar altares católicos em todos os candomblés; todos os orixás têm correspondentes entre os santos da igreja; a Cruz, a Hóstia, o Cálice, os episódios da Arca [de Noé], do nascimento e do batismo e do nascimento de Cristo são lembrados nos cânticos, especialmente os cânticos em português; e as iniciadas (*iaôs*) devem assistir à missa no Bonfim numa sexta-feira previamente marcada (CARNEIRO, 1954, p. 44-45).

Dessa forma, é fato que em Gurupá também passou por um processo de sincretização, obviamente não tão recente, mas que as manifestações de hoje nos dão essa conclusão no horizonte dos acontecidos, mesmo que nos dias atuais, a igreja incentiva e abraça a folia como sagrada e parte crucial da festividade

Atualmente em Gurupá, nas festividades organizadas e promovidas pela igreja católica, percebemos o quanto eles se importam em preservar essa cultura que se firmou nas festas, mesmo não tendo uma data concreta de origem de como e quando se houve esse encaixe na programação festiva.

Sendo assim, a própria paróquia de Santo Antônio de Gurupá realiza anualmente o Encontro de Foliões, que tem como intuito conscientizar e conservar essa cultura religiosa, tendo como foco a nova geração que se instala socialmente, repassando os poemas, toques e instrumentalizações das ferramentas para adolescentes e jovens, sensibilizando e pregando a essencialidade desse núcleo que é a “Folia Gurupaense”.

Não se pode deixar de citar os foliões anciões, todos eles são no geral das comunidades quilombolas do interior do município, que já tocam nas festividades no decorrer do calendário festivo dos quilombos como: Nossa Senhora de Nazaré do Quilombo Gurupá –Miri, Divino Espírito Santo do Quilombo Maria Ribeira, Nossa Senhora de Nazaré do quilombo Jocojó, Santa Luzia do Quilombo Flexinha, São José do Quilombo Carrazedo e entre outros quilombos menores do Ipixuna.

Segundo Rocha (2016) em seu artigo, define nitidamente o berço desses foliões e suas características mais comuns:

¹⁶ Pessoa que segue o Candomblé, religião afro-brasileira de origem nagô e banta, trazida ao Brasil em razão do período da escravidão.

Os foliões, devotos na maioria das vezes, são pessoas de origem humilde, residentes na cidade ou em distritos próximos; se ocupam em profissões diversas, como as de pintor, pedreiro, enfermeiro, auxiliar de serviços no comércio, ou estão aposentados. Quanto à organização, as folias são estruturadas, hierarquicamente, a partir da direção do mestre folião [...] As folias se fundamentam em torno do sagrado e do profano¹⁷ (ROCHA, 2016, p. 539-564).

Nesse sentido, é visto que esses ritmistas são pessoas que se doam para a festividade em si, com nada em troca, apenas por razões de promessas, pedidos e fé a santidade venerada, que como de costume abrange famílias, grupos e até mesmo comunidades inteiras, que resulta em uma das atrações mais respeitadas no município de Gurupá.

Considerações finais

Neste estudo científico, investigamos afundo as influências religiosas em Gurupá, sinalizando uma mistura de dois velhos continentes que consolidaram uma sincretização curiosa, que despertou interesse em explanar os mais variados aspectos presentes na fé de um povo miscigenado, que fez das diferenças suas características próprias.

As concepções festivas, não estão atreladas somente as imagens veneradas, as mesmas vão muito além carregando consigo, os costumes, tradições e orações sagradas, que atravessaram gerações, conquistando muito respeito e magnitude dentro e fora do ambiente doutrinário. Não é à toa, que o catolicismo adotou como bandeira de fé a negritude proveniente de seu ritmo artístico.

Desta forma, atingimos o objetivo principal, compreendendo as correlações culturais entre grupos distintos, que ao longo da época passou por transformações e variações, se aproximando de outras crenças, que até então são considerados ocultos e pagãs na convicção espiritual cristã, mas que é inegável a analogia¹⁸.

Contudo, para finalizar afirmo que em Gurupá há uma escassez de pesquisas em todas as ciências, deste modo, deixo em aberto para que outros investigadores possam futuramente contribuir e explorar esse território, com vasta riqueza cultural.

¹⁷ Que não pertence ao sagrado, tido até mesmo como estranho, sem religiosidade alguma, sem acordo com os preceitos da igreja.

¹⁸ Relação de semelhança entre coisas ou fatos diferentes, estabelecimento de ligação com ações distintas que a correspondem.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Guilherme. "Restos de Santo Antônio expostos em Pádua". **Revista Swiss**. Suíça. v.1, n 2, 2010.
- BASTIDE, Roger. **As Américas negras: As civilizações africanas no Novo Mundo**. São Paulo, difusão europeia do livro, ed. da Univ. de São Paulo, 1974.
- CANDEMIL, Luciano da Silva. O processo de ensino-aprendizagem musical do candomblé: cultura, educação e as práticas contemporâneas, **Revista Dialnet** Curitiba, Vol. 8, Nº1, 2020.
- CARNEIRO, Edison. (1954) [1948]. **Candomblés da Bahia Rio de Janeiro: Editorial Andes**.
- CASTRO, Josué T. **Discursos Herero Sobre Uma África Cristã**. Contribuições antropológicas para a compreensão de fenômenos sincréticos. Porto Alegre: PUC/RGS/ Dep C. Sociais, 2006. Monografia de conclusão da graduação no C. C. Sociais.
- CHURCH. Joseph Lutheran. **Igreja Luterana de São José**. Allentown-EUA. **Revista Evangelical**. nº 41. p. 8 3, 2014.
- FREIRE, José Geraldes. **Santo António de Lisboa**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, s/d. s/p. Acedido a 15 de abril de 2010.
- GALLET, Luciano. **Estudos de folclore**. Rio de Janeiro: Carlos Wehrs & Cia, 1934. LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- GATTI, José. Dialogismo e sincretismo: (re)definições. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso** [online]. v. 11, n. 3, 2016.
- LIMA. Helena Pinto; MARQUES. Fernando Luiz Tavares; MESQUITA. Fernando Lima de. **Forte Santo Antônio de Gurupá**, Belém-PA: Marques Editora, 2018.
- MARZAL, M. M. **El sincretismo iberoamericano**, Lima: Pontificia Universidad Catolica del Peru, 1985.
- ROCHA, Gilmar. **O verbo e o gesto: corporeidade e performance nas folias de reis**. Etnográfica, Lisboa, v. 20, n. 3, p. 539-564, out. 2016. Disponível em <http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612016000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 nov. 2021.
- TORRES, Gilvandro dos Santos. **Gurupá uma conquista do Povo**. 1. Ed, Belém-Pa: Editora Paka-Tatu, 2019.